

O PAPEL DAS MULHERES IMIGRANTES NA FAMÍLIA TRANSNACIONAL QUE MOBILIZA A MIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL¹

THE ROLE OF IMMIGRANT WOMEN IN THE TRANSNATIONAL FAMILY WHICH MOBILIZES HAITIAN MIGRATION IN BRAZIL

Margarita Rosa Gaviria Mejía*
Rosmari Terezinha Cazarotto**

Introdução

Nas últimas décadas, mais de um quarto da população haitiana emigra, porque a solidariedade e o auxílio humanitário internacional que o Haiti recebe – devido à crise econômica, política e ambiental que acomete o país –, não contribuíram para melhorar suas condições de vida. As dificuldades para encontrar emprego no Haiti

são enormes. Apenas 20% da população haitiana está empregada, argumentam os imigrantes haitianos ao apresentarem o panorama do país de origem. A opção é desenvolver atividades vinculadas ao comércio de diversas mercadorias ou à prestação de serviços. Audebert (2012) destaca que, além da religião, o comércio informal constitui um dos principais refúgios encontrados para enfrentar as dificuldades do

* Graduação em antropologia na Universidad de Antioquia (Medellin-Colômbia), Mestrado em antropologia social pelo Museu Nacional (UFRJ), Doutorado em desenvolvimento, agricultura e sociedade (CPDA/UFRJ). Atualmente professora no Programa de Pós-graduação em ambiente e desenvolvimento (PPGAD) e no Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da Univates (UNIVATES/LAJEADO/RS/BR). margarita-rosagaviria@gmail.com.

** Professora da área de humanidades do Centro de Ciências Humanas e Sociais do Centro Universitário – Univates (UNIVATES/LAJEADO/RS/BR); Doutora em geografia – análise territorial pela UFRGS (2011), mestre em desenvolvimento regional pela UNISC (2001), graduada em geografia pela UPF (1992). rosmari.cazarotto@univates.br.

1. Este artigo é produto do projeto de pesquisa **Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso**, coordenado pela Prof. Dra. Margarita Rosa Gaviria Mejía, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) do Brasil no biênio 2014–2016 (processo 470375/2014-0); recebe apoio institucional do PPGAD (Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento) e do CCHS (Centro de Ciências Humanas e Sociais) da Univates (UNIVATES/LAJEADO/RS/BR).

cotidiano no Haiti. A ausência de oportunidades e a fraqueza das instituições obrigam os indivíduos a se virarem com seus próprios meios. Conforme o referido autor, o empreendedorismo informal é o último recurso para quase 40% da população.

Nesse contexto, a migração internacional é uma estratégia econômica que resolve, parcialmente, as dificuldades econômicas do Haiti. Um terço do orçamento da Ilha é financiado por imigrantes que enviam parte da renda ao país de origem. A remessa desses recursos representa 25% do PIB no Haiti (FERNANDES; CASTRO, 2014)². O cálculo contempla apenas as transações legais, isto é, não inclui o valor remetido por familiares – quantia considerável, já que, como indicam dados do Ministério de Haitianos Residentes no Exterior, há entre 4 e 5 milhões de haitianos espalhados pelo mundo (HANDERSON, 2015).

De acordo com Bacsh et al (1994), os haitianos no exterior não são migrantes que saem temporariamente do país unicamente para trabalhar. Também não são imigrantes que romperam os laços com a sociedade de origem e construíram novas vidas adotando outro país e outra cultura. Distantes disso, os imigrantes haitianos vivenciam o processo de transnacionalismo, constituído por relações sociais multissituadas, através das quais vinculam a sociedade de origem e a de estabelecimento. Fenômeno que se dá graças ao que Santos (2006) chama de tecnificação do espaço em escala planetária, que acelera fluxos e aproxima lugares. O conceito de transnacionalismo é utilizado por Bacsh et al. (1994) para enfatizar os diversos campos sociais construídos pelos imigrantes, que transcendem fronteiras geográficas, culturais e políticas, favorecidos pela nova tecno-

logia da comunicação. Eles desenvolvem e mantêm múltiplos relacionamentos, religiosos, familiares, sociais e políticos.

Diáspora é a categoria utilizada para abordar as referidas relações transnacionais construídas no âmbito de processos migratórios e, desde os anos 1990, denota e reforça o senso de unidade e de identidade entre pessoas dispersas pelo mundo, como é o caso da população haitiana. A diáspora se tornou um lugar comum, não só dos estudiosos do Haiti, mas também entre membros de diversas classes sociais no Haiti e entre pessoas de origem haitiana, em qualquer lugar de assentamento (SCHILLER; JACKSON et al., 2011). Segundo o balanço de analistas políticos, a diáspora faz parte da realidade socioeconômica, educacional e política do Haiti (HANDERSON, 2015).

A mobilidade é característica do universo social haitiano, mas se intensifica em períodos de violência política e depois de catástrofes naturais (BRAUM et.al., 2014). Fenômenos como o terremoto de 2010 que destruiu o Haiti, crises decorrentes da brutalidade policial ou de um estigma coletivo, no caso da epidemia de AIDS, revelam a diáspora como uma comunidade partilhada de dor, nostalgia, sofrimento e aspirações por um futuro melhor (SCHILLER, 2011).

A pesquisa diaspórica torna claro que o senso de comunidade transnacional partilhada nunca é uma constante apesar da distância e da experiência histórica, nem inevitavelmente perdida ao longo dos anos. Jackson e outros (2011) assinalam que as identidades dos migrantes e o grau de conexão transnacional mudam e são transformados ao longo do tempo e do espaço. Desta perspectiva teórica, as pesqui-

2. Informação corroborada por dados oficiais do Fundo Multilateral de Investimento (FOMIN), órgão ligado ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

sas empíricas sobre diáspora haitiana posicionam-se contra o pensamento binário, visto que o local, o nacional e o global são mutuamente constitutivos. Tempo e lugar são realmente significantes na configuração das imaginárias diaspóricas, mas a variação local é produzida e alterada em relação ao outro.

Os destinos preferidos dos imigrantes haitianos desde 1957, ano em que este processo se intensifica (BASCH; SCHILLER; BLANC, 1994), têm sido os Estados Unidos, a França, o Canadá e o Caribe. Países que, a partir de setembro de 2001, passam a ser mais rigorosos no controle migratório. Essas limitações migratórias, após o terremoto de 2010, levam à inclusão do Brasil entre os destinos preferidos pelos haitianos. Os motivos desse novo rumo migratório são vários: não apenas a facilidade de adquirir o visto humanitário neste país, pois Argentina, Chile, Equador e Peru também o oferecem, mas a imagem de país próspero e de oportunidades divulgada pela mídia e reforçada pela presença militar brasileira no Haiti contribuem para a preferência pelo Brasil. Para a aceleração deste fluxo migratório contribui também a participação do governo brasileiro na Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti) e o convite do ex-presidente Lula aos haitianos para emigrarem para o Brasil, em visita ao Haiti, um mês depois do terremoto (FERNANDES; CASTRO, 2014).

Nesse sentido, o mito inicial de progresso, de modernidade e de facilidade no estrangeiro, que impulsiona as emigrações de latino-americanos para Estados Unidos (MACHADO, 2014), é igualmente evoca-

do nas migrações de haitianos para Brasil, como o revela o estudo de caso que apresentamos neste artigo.

Utilizamos o estudo de caso como instrumento de investigação de uma realidade empírica, contextualizada no espaço e no tempo: a experiência migratória de uma das comunidades haitianas que se estabelece, a partir de 2012, no Vale de Taquari, Rio Grande do Sul (Brasil). Desta perspectiva, é possível aprofundar algumas reflexões acerca do fluxo migratório, com ênfase no papel das mulheres nesse processo, bem como explorar os elementos mais relevantes. Esta orientação metodológica visa a que os resultados da pesquisa sejam de alcance geral e, portanto, permitam dar luzes acerca da posição e do papel das mulheres haitianas no processo migratório haitiano em todo o Brasil. Trabalha-se com um modelo que, guardadas suas características formais, “poderá conter – explicar – realidades substantivas, porém marcadas por um conjunto de regras do mesmo tipo” (OLIVEIRA, 2006, p. 24).

Iniciamos o artigo com a caracterização do universo empírico, com foco nos motivos que conduziram este estudo e nos instrumentos utilizados na coleta de dados.

1. Estudo de caso

No Vale de Taquari³, Rio Grande do Sul, vivenciam-se as consequências das transformações da agricultura familiar na década de 1970, decorrentes da mecanização da produção agrícola. Avançam e fortalecem-se as agroindústrias voltadas para a cadeia produtiva de frango, suínos e leite. Atual-

3. Constituído por 36 municípios e uma população de 348.435 habitantes, em 2014, segundo a Fundação de Economia e Estatística-FEE. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Vale+do+Taquari>> Acesso em: 31 maio 2016.

mente, a agropecuária tem a base social e econômica alicerçada na “propriedade familiar, em minifúndios, caracterizada pela diversidade de culturas e criações, estas sempre em regime confinado e, na maioria das vezes, organizadas em sistema integrado com as indústrias e cooperativas de alimentos” (BDR, 2011, p. 24).

Nos empreendimentos produtivos, principalmente do setor de alimentos, em municípios do Vale de Taquari⁴, vem se acentuando, nos últimos anos, o problema da falta de mão de obra. A entrada de haitianos no Brasil tem-se vislumbrado como possibilidade para suprir essa carência. Uma parcela da população haitiana que se encontrava no Acre⁵ em 2011 e 2012 à espera da documentação necessária para se inserir no mercado de trabalho no Brasil é recrutada por empresários do Vale do Taquari. Esse fenômeno revela que não só o crescimento econômico de serviços em grandes cidades demanda força de trabalho internacional com conhecimento técnico, mas também cidades interioranas e pequenas localidades, para seu crescimento econômico, precisam do imigrante internacional para exercer atividades manuais, geralmente, sem muita qualificação e, conseqüentemente, com baixa remuneração (SCHILLER; ÇAGLAR, 2011).

O critério de seleção dos imigrantes haitianos pelos empresários do sul difere do adotado na seleção de imigrantes alemães e italianos, nos séculos XIX e XX, para colonizar o Brasil. As políticas de colonização do governo brasileiro buscavam “branquear” a população brasileira, substi-

tuindo o trabalho escravo pelo trabalhador imigrante, europeu e branco (SEYFERTH, 2000). Esses critérios de escolha dos imigrantes, dois séculos atrás, manifestam-se entre a população local ao reiterar constantemente sua identidade de origem europeia. São descendentes de europeus que se auto-definem “alemães” e “italianos”, conforme a origem étnica. Evocam valores e tradições culturais como o uso de dialetos, as práticas culinárias, os estigmas, entre outros, como marcas das respectivas identidades.

A referida identidade europeia da sociedade local, após quase 200 anos de colonização, exerce grande influência na constituição demográfica deste território, da qual passa a fazer parte o novo contingente migratório internacional. Quer dizer, as diferenças de cor e de origem étnica são colocadas como marcadores de fronteiras entre as duas categorias sociais, “os estabelecidos e os outsiders”, desenvolvidas por Elias (2000). Fenômeno observado nos discursos sociais através dos quais, por um lado, a sociedade local posiciona-se a respeito da presença dos imigrantes contemporâneos na região e, por outro, os imigrantes posicionam-se em relação à situação em que se encontram.

De modo geral, percebemos que nas relações com a sociedade local, os haitianos são inferiorizados por serem de origem étnica e racial diferente. Assim, a imagem positiva do Brasil e dos brasileiros que estimulou os haitianos a migrarem descontrói-se. Uma vez estabelecidos no país de acolhimento, passam a conviver com o racismo e a xenofobia de que são vítimas e

4. Lajeado com uma população de 78.809 habitantes; Estrela com 32.483 habitantes e Encantado com 21.520 habitantes (FEE, 2014), são alguns exemplos.

5. Os estados brasileiros de fronteira como Acre, Amazonas e Roraima eram a porta de entrada de imigrantes. Atualmente, não cruzam as fronteiras terrestres, chegam por via aérea. Geralmente a rota é Porto Príncipe-Panamá-Porto Alegre.

com dificuldades para conseguirem um emprego no qual possam desenvolver suas habilidades e conhecimentos profissionais. As empresas os contratam para desempenhar funções que os brasileiros não querem, em setores operacionais. Ignoram a competência técnica e profissional que alguns haitianos adquiriram no país de origem.

Já os haitianos manifestam uma forte identidade com suas origens culturais e com seu país de origem, sendo a cor da pele uma marca desse elo com o território ancestral. Ser haitiano é ser negro e gostam de sê-lo, mesmo que no Brasil percebam discriminação por causa da cor da pele. Acerca dessa discriminação pronuncia-se um haitiano: “é preconceito, pensam que a gente por ser negro é ignorante, falam mal da cultura; é uma grande diferença por ser estrangeiro”. No discurso, perpassa a ideia de que ser negro e ser estrangeiro são duas marcas de identidade que geram estranhamento no âmbito da sociedade de assentamento, mas que, da perspectiva dos imigrantes haitianos, reforça o sentimento de pertencimento ao país de origem.

Outro elemento recorrente nas narrativas da identidade negra por parte dos imigrantes é a história do Haiti. Referem-se ao Haiti como um país construído por negros. Destacam o orgulho de pertencer a esse país, por ser o primeiro de população negra que conquistou a liberdade. Numa conversa sobre o assunto, um dos haitianos dá voz a esse sentimento patriótico: “a cor não é problema, para nós ser negro não é problema, a gente gosta de ser negro pela história, porque como primeiro povo independente a gente ficou contente, e mais a história de

ser o primeiro povo negro a ganhar a liberdade”. Assim, a história de lutas do Haiti é apontada como elemento de orgulho dos haitianos, principalmente por ter vencido guerras contra adversários poderosos, econômica e politicamente, como a França e os Estados Unidos (MEJÍA; SIMON, p. 36-37, 2015). Além desses discursos, a identidade é recriada pelos imigrantes no uso da língua nativa, na festa da bandeira do país, na música, em rituais religiosos e na comunicação permanente com o Haiti.

O confronto de valores que dão sustento às identidades de ambas as partes (sociedade de acolhida e migrantes) leva a que, no local de assentamento, as relações sociais dos haitianos com os nativos se diferenciem bastante dos relacionamentos sociais estabelecidos no Haiti, o que se constitui num dos motivos de frustração nesta experiência migratória.

Também é motivo de frustração dos imigrantes haitianos a dificuldade de encontrar vagas em universidades para cursar o ensino superior. O projeto migratório envolve interesses econômicos e educacionais. Querem trabalhar e estudar. A procura por capital educacional está a par do econômico, uma vez que, no Haiti, o conhecimento é um capital fundamental para ascender socialmente. Contudo, no país de origem, o acesso à educação superior é difícil. O custo monetário para estudar em escolas e universidades é alto e as vagas são limitadas.

Sensibilizados com a situação desses imigrantes contemporâneos, um grupo de professores da Univates⁶ elaborou, em 2013, um projeto de pesquisa com o objetivo de aprofundar questões e aspectos que perpassam

6. Univates é o maior centro de referência universitária na região. Localizado em Lajeado, mas atende a população de toda a região.

este processo migratório, iniciado na região em 2012. O ponto de partida da pesquisa foi o mapeamento do perfil social do primeiro contingente populacional de imigrantes haitianos no Vale de Taquari, as trajetórias migratórias, histórias de vida, identidades e mecanismos de proteção social, criados pelos imigrantes para contornar as adversidades. Optou-se por tomar como perspectiva de análise a lente através da qual os haitianos olham o processo, ou seja, as representações sociais dos que chegam a respeito da experiência migratória.

2. Diferenças de gênero

Na contemporaneidade, a mulher migrante tornou-se protagonista das ações migratórias – protagonismo este decorrente de interesses econômicos, mudanças no mercado de trabalho internacional, bem como das transformações nas relações de gênero (MARINUCCI, 2007). Conforme a literatura, a participação feminina nos circuitos de diáspora haitiana tem uma longa história e tende a aumentar (BRAUM, 2014) – situação observada na análise do perfil dos haitianos que migram para o Brasil a partir de 2010. Percebe-se que, apesar de ser uma população predominantemente masculina, a migração de haitianas para o Brasil tem aumentado no decorrer do tempo.

O processo migratório examinado compreende um período realmente curto e que, portanto, difere de estudos nos quais se analisam as diferenças geracionais. Nesse sentido, as tendências migratórias aqui referidas só podem ser avaliadas se compararmos o fluxo migratório haitiano ano a ano. Para ilustrar essa ideia, recorreremos a dados apresentados por Fernandes e Castro (2014) que, apoiados em informações

do MT (Ministério de Trabalho), do CNIg (Conselho Nacional de Imigração) e do MRE (Ministério de Relações Exteriores), indicam que a migração feminina haitiana para o Brasil tende a aumentar. Entre 2011 e 2012, passou de 123 para 843, representando um quinto dos imigrantes haitianos. Com base em dados do Ministério de Relações Exteriores, os pesquisadores mencionados mostram que o número de vistos femininos emitidos entre 2012 a 2013 passou de 423 a 689. Enquanto isso, a migração masculina no mesmo período variou de 961 para 1.691.

O panorama geral da migração haitiana no Brasil apresentado acima se vislumbra em nossa pesquisa empírica. Conforme as empresas empregadoras da região que contam com mão de obra imigrante, as mulheres representam atualmente 30% da população haitiana. Nesse processo migratório, percebe-se, também, a tendência de crescimento da presença feminina, ou seja, observa-se a “feminização das migrações” – conceito utilizado pelos teóricos da migração (MARINUCCI, 2007) para designar as mudanças que envolveram as mulheres e incidem no contexto migratório contemporâneo. A feminização das migrações está associada às dificuldades que afetam as mulheres contemporâneas, como a inserção no mercado de trabalho, o acesso à educação, à saúde e às redes de informação, a falta de autonomia e a vulnerabilidade à violência e à pobreza (RAMOS, 2014).

Apesar de o fenômeno da feminização perpassar as migrações contemporâneas, nas abordagens analíticas das experiências migratórias, de modo geral, as mulheres permanecem invisíveis, estado da arte que limita a compreensão desse acontecimento. Não se consideram as especificidades da migração das mulheres, pois a tratam

como uma variável do padrão migratório masculino (MARINUCCI, 2007). A fim de romper com esse menosprezo, fundamentadas em teorias que buscam dar visibilidade ao papel das mulheres na migração, desenvolvemos a pesquisa etnográfica acerca da migração haitiana no Vale de Taquari, seguindo a perspectiva de gênero.

A abordagem na perspectiva do gênero possibilita, por um lado, desconstruir o essencialismo constituinte da diferença dos sexos e, por outro, conceber essa diferença sexual como representação e produto de discursos e práticas institucionalizadas (SOUSA, 2011). Nos termos de Marinucci (2007, p.7), gênero é uma “construção social”, histórica e culturalmente condicionada. Tomando como referência essa concepção teórica de gênero, construímos nossos dados a partir de observações e entrevistas dirigidas a haitianos e a haitianas com maior facilidade de comunicação em português e com vontade de compartilhar as dificuldades que enfrentam como imigrantes. Esta interação nos tornou interlocutores de seus dramas e, em situações de dificuldade, quando possível, intervimos para ajudá-los. Prestamos assistência para atender às necessidades relativas à língua, ao vestuário, além de prestar assessoria jurídica, entre outras ações que minimizassem suas carências. Essa interação tem-nos permitido mapear algumas trajetórias de vida de imigrantes haitianos e haitianas, com informações relevantes que nos permitiram perceber diferenças entre a “voz” dos homens e o “silêncio” das mulheres.

No decorrer do tempo, o clima de confiança criado no relacionamento entre as haitianas e as pesquisadoras permitiu que a voz do silêncio das mulheres se levantasse e revelasse expectativas diferentes às dos homens no projeto migratório. Apesar

de ambos os gêneros serem unânimes em assinalar pretensões de melhorar sua qualidade de vida e a de suas famílias com a migração, em certas situações percebe-se que, conforme Marinucci (2007) assinala, os elementos constitutivos da migração da mulher apresentam características diferentes da migração do homem, daí a necessidade de considerar as especificidades da experiência migratória conforme o gênero.

Em termos gerais, os homens buscam independência financeira mediante o acesso a um emprego no qual sejam reconhecidas as habilidades e conhecimentos adquiridos no país de origem. Eles também buscam autonomia na decisão quanto ao rumo de suas vidas e de suas famílias; aspiram a ampliar a formação educacional, ingressando em escolas e universidades para dar continuidade aos estudos, conforme o grau de escolaridade, o qual não é homogêneo entre a população imigrante. Alguns têm formação universitária (advogados, professores, comunicadores); outros têm formação escolar completa e outros, apenas o ensino fundamental.

Quanto ao significado da migração para as mulheres, tomando como foco de atenção a geração das primeiras imigrantes na região, percebemos que, para elas, representa uma possibilidade de fugir da pobreza e das dificuldades de conseguir emprego em seu país de origem. Migrar pode oferecer recursos a elas e a seus familiares mais próximos, principalmente aos filhos, a fim de viverem com mais conforto e qualidade.

No caso das haitianas em questão, a situação difere de outros estudos migratórios que apontam as mulheres no cenário migratório na condição de sujeitos autônomos (RODRIGUES E VASCONCELOS, 2012). As haitianas que migraram entre 2012 e 2014 para o Vale de Taquari não manifestam sinais de

autonomia, se por autonomia se entende a capacidade de agir e de decidir sobre suas vidas de maneira independente de seus companheiros, bem como destoa de situações que apontam o empoderamento das mulheres em decorrência da migração. A migração não as liberta das repressões familiares, como se observa nas relações entre casais.

A exclusão social e laboral também condena muitas mulheres migrantes, sobretudo as que têm baixa escolaridade (RAMOS, 2014). As diferenças de escolaridade marcam hierarquias de poder no âmbito do contingente migratório, eloquentes nas relações de poder estabelecidas entre os gêneros. O grau de escolaridade das primeiras levas de mulheres imigrantes, cuja faixa etária oscila entre 25 e 35 anos, é mais baixo que o dos homens. Essa situação difere de um contingente migratório recente, 2015 e 2016, no qual temos observado a entrada de imigrantes mais novos (18-22 anos), solteiros e sem filhos⁷. Entre eles não se percebem diferenças de escolaridade por gênero⁸.

O mapa da inferioridade das mulheres, expresso na posição das primeiras imigrantes haitianas no universo contemplado, mostra que as medidas regulatórias promovidas pela ONU contra desigualdades de gênero ficam no abstrato, tendo em vista que há uma desigualdade instituída culturalmente, que se concretiza no cotidiano das relações entre homens e mulheres. A voz das mulheres tem menos impacto que a dos homens em decisões que moldam suas vidas (SOARES, 2005).

A esse respeito se posicionam os homens em discursos a favor, apoiados em ensinamentos bíblicos: “o homem é quem manda, está na frente, isso está na bíblia”. Discurso reiterado numa cerimônia religiosa em que escutamos a pastora da igreja dizendo para a noiva que, a partir da união matrimonial, a mulher “deve se sujeitar ao marido”.

Observando as relações entre casais, percebe-se que as mulheres haitianas se submetem ao domínio masculino como um fenômeno natural. A divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas”. Ordem presente no mundo social, incorporada nos corpos e nos *habitus* dos agentes, que funciona como sistemas de percepção e de ação (BOURDIEU, 2003, p. 17). À luz dos argumentos de Duarte (2013), a naturalização da desigualdade de gênero corresponde a uma configuração “tradicional”, que diverge do *ethos* moral moderno, dependente de uma demarcação moral abrangente, relacional e principal. A ação pessoal é balizada por ditames morais e regras relacionais, associadas, neste caso, às configurações de valores religiosos, de caráter apriorístico, coletivo e imperativo.

Em diversas situações, evidencia-se a dominação masculina. Elas precisam consultar seus cônjuges na tomada de decisões, na escolha de uma peça de roupa para comprar no brechó, sair a passear, ir ao posto de saúde, à festa de casamento, entre outras. A dominação masculina se manifesta nos espaços sociais por onde perambulam e interagem. Assim, quando

7. Dado obtido ao acompanhar o perfil dos novos imigrantes haitianos, alunos dos cursos de português para estrangeiros, a maior parte dessa população é jovem.

8. Estas observações vão ao encontro dos resultados da pesquisa em comunidades de Porto Príncipe no Haiti (BRAUM et al., 2014). Eles apontam sinais de transformação nos últimos anos: as jovens mulheres adquirem novas formas de capital, alcançam níveis de escolaridade mais altos do que as gerações anteriores, neste contexto se igualam aos homens. Assim, as expectativas com a migração entre os gêneros se equiparam.

o casal anda pela rua, o homem fica na frente e a mulher segue atrás dele. Nas igrejas, os líderes dos rituais religiosos e das demais atividades coletivas, como por exemplo os ensaios do coral e representações teatrais, são homens; as mulheres são discípulas e peregrinas. Nesse sentido, as práticas religiosas constituem-se na ritualização da dominação masculina sobre a feminina num espaço público.

Paradoxalmente, como revelam os dados, o papel da esposa é estruturante, quando o casal que migra tem condições financeiras e traz o filho ou os filhos do Haiti. Conhecemos casos em que os trouxeram e em outros, não. Em circunstâncias nas quais o processo migratório dos membros da família não é simultâneo, o marido migra antes da esposa e dos filhos. Geralmente, quando este se instala e adquire estabilidade financeira traz a mulher e, se tiver recursos, o(s) filho(s) vem (vêm) junto.

A migração feminina objetiva a reunião familiar. Na decisão de trazer primeiro a mulher e depois os filhos, além dos sentimentos e do desejo que une o casal, conta o significado da vida conjugal. As esposas desempenham um papel estrutural nesse processo migratório, pois dão estabilidade à vida dos companheiros. A presença da mulher é decisiva para o sucesso do processo migratório. Na hierarquia dos papéis familiares, a esposa desempenha um papel muito importante na vida dos homens. Nesse sentido, questiona-se se nos espaços privados a dominação masculina e a sujeição feminina se replicam.

As articulações entre esferas produtivas e reprodutivas vinculadas à divisão sexual do trabalho se organizam de maneira específica nos espaços de migração (MIRANDA, 2014). Neste estudo, percebemos que as mulheres são as principais responsáveis

pela realização das tarefas domésticas. Fazem a limpeza das moradias, lavam roupa e preparam os pratos da culinária haitiana que os aproximam simbolicamente do país. Nos relacionamentos, reproduzem os códigos culturais nos quais se sustenta a vida conjugal. Ao mesmo tempo, no Brasil, se vinculam ao mercado de trabalho e contribuem com a renda da família através de recursos financeiros. Por isso, quando as mulheres não têm emprego, os maridos se mobilizam para procurá-lo.

O fenômeno observado vai ao encontro do argumento de Braum, Dalmaso e Neiburg (2014) acerca das configurações da família haitiana e caribenha. Em geral, essas configurações se caracterizam pelo fato de a mulher se destacar em tarefas domésticas, enquanto os homens, no papel de marido-pai, estão à margem dos vínculos estreitos entre mães, filhos e filhas. No âmbito doméstico, as mulheres têm mais responsabilidades no que diz respeito aos cuidados do lar e dos filhos. Diferenças que se refletem na desigualdade de gênero e no desequilíbrio na educação.

3. As mulheres no âmbito da família transnacional

A análise do protagonismo feminino da migração haitiana no Brasil foi construída em diálogo com material etnográfico produzido no levantamento das trajetórias de vida de mulheres haitianas que se encontram no Vale de Taquari, estado do Rio Grande do Sul. A ênfase recai no viés feminino, já que entre as mulheres destaca-se a migração como um projeto familiar. Quando começam a falar de suas vidas, remetem-se logo aos vínculos com membros de família mais próximos que se encontram no país de origem, em relação aos quais

sentem obrigação moral de ajudar a mantê-los economicamente. Por causa disso, em caso de terem dificuldades financeiras para honrar esse compromisso, se deprimem.

Além da remessa mensal de contribuições financeiras, mantêm comunicação permanente, por telefone ou pela internet, com os familiares no Haiti, ações que visam a reproduzir o elo da família transnacional. Em vista da ausência de interação diária entre membros da mesma família, os laços afetivos alimentados pelo fluxo de informações e de dinheiro tornam-se princípios reguladores de configurações de famílias transnacionais.

Machado (2014) aponta que a experiência de migração contemporânea é determinada pela eficácia da comunicação virtual que a globalização permite, favorecida pelo avanço progressivo da tecnologia digital. Estes recursos de comunicação possibilitam às migrantes haitianas preservar fortes laços com membros da família que permanecem no país de origem, ou que estão em outros países. A facilidade e a intensidade da comunicação com esses familiares distantes fisicamente favorece a resistência a se incorporarem à sociedade do local de assentamento. Temos observado com frequência esse fenômeno entre as mulheres haitianas. Elas são “transmigrantes”, pois constroem suas vidas em dependência das constantes interconexões sociais que transpassam fronteiras internacionais, enquanto a interconexão com a sociedade local se reduz ao ambiente de trabalho.

No ambiente de trabalho, geralmente, realizam atividades manuais que as dispensam de saber falar português. Recebem as instruções iniciais de um tradutor haitiano e, uma vez aprendidas essas funções, executam as tarefas. Contudo, entram em conflito com as regras de trabalho estabelecidas pela empresa, pois, no país de

origem, eram autônomas em suas atividades. Dedicavam-se ao comércio de produtos ou à prestação de serviços, atividades que largaram porque, após o terremoto, a capacidade de compra da população caiu muito. Não estavam acostumadas a ter um chefe de setor que exercesse poder sobre elas, disse o haitiano que atua como tradutor na empresa onde eles trabalham. No país de acolhimento, passam a conviver com modos de vida sustentados em valores culturais diferentes.

As haitianas não se inserem nos espaços sociais do país que as acolheu, nem procuram fazer amizades com brasileiras. “A mulher é mais reservada, mais difícil fazer amizades”, comenta o chefe de pessoal de uma das empresas que as empregam. Elas têm bastante dificuldade de inserção. Papéis que na sociedade de acolhimento são desempenhados por mulheres, como levar os filhos ao médico quando estão doentes e à escola ou creche, no caso haitiano, são desempenhados por homens.

O mapeamento das diversas classes de relações constitutivas da família permitiu perceber o que Machado (2014, p. 35) salienta, apoiado em estudos transnacionais: a família é “um dos elementos estruturantes da transnacionalidade”. Nesse contexto, as mulheres identificam-se como membros de famílias transnacionais, no âmbito das quais “seus membros vivem em parte ou na maior parte do tempo separados uns dos outros, porém mantidos juntos por criarem algum tipo de sentimento de bem-estar coletivo e unidade, mesmo quando atravessam fronteiras nacionais” (BRYCESON; VUORELA, 2002, p. 3; apud MACHADO, 2014, p.36).

A vida das mulheres está estreitamente ligada à de seus familiares. Por isso, as trajetórias de vida feminina e as trajetórias de vida

familiar se interconectam. Essa interconexão ratifica os postulados dos estudos clássicos de migração haitiana (AUDEBERT, 2012; BASHCH; SCHILLER; BLANC, 1994; JACKSON, 2011; SCHILLER; ÇAGLAR, 2011); nesses, a migração acompanha a vida das famílias por várias gerações. Fenômeno, portanto, que leva à constituição de tipos de famílias divididas entre nações, “entre estatutos de legalidade e ilegalidade, entre saudades e preconceitos” (MACHADO, 2014, p.31).

Não foi só no período posterior ao terremoto de 2010 que os membros das famílias haitianas se dividiram por causa do projeto migratório. São diversos os relatos dos atuais imigrantes no Brasil acerca da separação dos pais (pai ou mãe) que migraram para os Estados Unidos. Igualmente, na atual geração de imigrantes haitianos no Brasil, percebe-se que, em alguns casos, esta não é a primeira experiência migratória. Relatam migrações anteriores (deles ou dos cônjuges) para países como a República Dominicana, Venezuela e Equador. Algumas imigrantes haitianas no Brasil divorciaram-se de seus companheiros, devido à separação provocada pela emigração dos parceiros do Haiti para outros países. Quer dizer, às vezes, com o tempo, o elo do casal separado pelo projeto migratório se rompe e homens e mulheres remodelam suas formas de relação, reconstituindo a vida de casal com outros parceiros do país de origem no local de assentamento.

No entanto, na visão de vários autores, as famílias transnacionais, grupos familiares distendidos em vários pontos do globo, não necessariamente perdem os vínculos quando colocados em novos contextos sociais. Desta ótica, o grupo familiar inclui todas as pessoas envolvidas em situações de migração: homens e mulheres, crianças e adultos, quem migra, quem fica, quem

retorna, quem transita (MIRANDA, 2015). São as famílias que organizam, planejam e executam o fluxo entre dois ou mais lugares (MACHADO, 2014). No caso das haitianas, as famílias se organizam estruturalmente em termos financeiros e nas responsabilidades com os cuidados com a prole. A migração denota uma estratégia de sobrevivência individual e/ou familiar, em reação a determinadas situações de insustentabilidade existencial. É frequente que, através dela, se busque o aumento da renda (MARINUCCI, 2007).

As relações hierárquicas e patriarcais no âmbito da família de origem afetam a decisão autônoma das mulheres de migrar. Mesmo que elas migrem individualmente, não é um ato necessariamente autônomo. Conforme relatos obtidos em nossa pesquisa, a decisão de migrar das mulheres das famílias não é autônoma, pois dela participam outros membros: pais, irmãos, maridos ou companheiros reúnem dinheiro para financiar a viagem delas. Devido à impossibilidade de migrarem para os Estados Unidos, elas vêm para o Brasil. A expectativa é que, uma vez instaladas no local de destino, elas enviem dinheiro para o sustento da família que ficou. O emigrante sai e deixa, em geral, famílias que dependerão, em alguma medida, do seu trabalho (MACHADO, 2014). Como contrapartida, observamos que mães, irmãs ou cunhadas das migrantes que permanecem no Haiti ficam responsáveis pelo cuidado das crianças, filhos ou filhas das que migraram. Segundo narrativas, a vida das avós haitianas é tomar conta dos netos (as), filhos(as) dos filhos(as) que migraram. Crianças com as quais as migrantes haitianas se comunicam, mas não com muita frequência por causa da dificuldade de acesso à internet nos lares haitianos. A comunicação é, principalmente, por telefone.

Braum et al (2014) destacam como característica central do universo social haitiano, indicativa das relações de gênero e geracionais, o fato de que, no Haiti, é frequente crianças ficarem, temporária ou permanentemente, aos cuidados de mulheres diferentes de suas mães biológicas. Há uma relação indissociável entre família e diáspora. Diáspora é uma experiência familiar e de sociabilidade. Nesse sentido, as estruturas familiares na família extensa haitiana desempenham um papel importante na configuração da morfologia social da diáspora (HANDERSON, 2015).

Quem permanece no Haiti, além do dinheiro, espera que o migrante solicite visto para familiares e que mande buscar alguns dos mais próximos. O diáspora recebe críticas por residir no estrangeiro, durante dez anos ou mais, tendo pais e filhos no Haiti. Nesta ordem de ideias, mandar buscar alguém da família constitui um valor moral, uma honra social diante vizinhos e familiares (HANDERSON, 2015). Quer dizer, “os projetos de imigração envolvem o desejo contraditório de consolidação de núcleos familiares” (MACHADO, 2014, p.32). Contraditório, no sentido de que esses projetos migratórios se mantêm mediante a separação dos membros que os constituem. E, no caso haitiano, inserem-se no marco de uma ordem política e econômica que caracteriza o Haiti enquanto país de emigração e de mobilidade (HANDERSON, 2015).

Ao se estabelecerem na localidade de assentamento no Brasil, os membros das famílias transnacionais que migram constituem unidades familiares menores, ou seja, correspondem ao modelo de família nuclear: mulher, marido e filhos; em algumas situações, também um ou dois irmãos do casal. Não são famílias numerosas, portanto carecem do apoio da família extensa nos momentos em que precisam,

como, por exemplo, no parto, situação que gera sofrimento nas mulheres. Culturalmente, quando um bebê nasce no Haiti, após o nascimento, seus familiares próximos (pais, mães, irmãos, cunhadas) prestam assistência à mãe nos três primeiros meses, no cuidado do bebê e na execução das tarefas domésticas.

O vazio deixado pela distância física da família extensa é compensado pelas relações de solidariedade que estabelecem nas igrejas evangélicas às quais elas estão vinculadas, assunto que tratamos no item religiosidade. Por enquanto assinalamos que o padrão residencial adotado também contribui para compensar a ausência da família. As dificuldades dos imigrantes haitianos para alugar uma casa, não apenas por questões financeiras, mas principalmente por falta de fiador que responda pelos contratos, obriga as famílias a se juntarem a outros conterrâneos e a compartilharem o espaço de moradia, casa ou apartamento. A moradia em comum os leva a estabelecer relações de parentesco não consanguíneas. Constroem padrões de *relatedness* no contexto migratório. Habitar com outros insere os sujeitos em sistemas de trocas que relacionam e/ou criam parentes (MACHADO, 2014).

Quando as mulheres estão sozinhas no Brasil, isto é, sem parceiros, geralmente estabelecem relações amorosas com imigrantes haitianos que, por algum motivo, também estão sozinhos. No caso de ambos serem solteiros, casam-se, mas se o homem é casado não assume compromisso. Quando os homens têm mulher no Haiti, o vínculo com a esposa, mãe dos filhos no Haiti, sobrepõe-se a qualquer outro. O lugar da esposa não é preenchido, mesmo que vivam casos extraconjugais. É o que ilustram as atitudes assumidas por três homens, casados no Haiti, nos relacionamentos que estabeleceram no Brasil com haitianas.

Num dos casos, a mulher veio sozinha, deixou os filhos no Haiti e, no Brasil, arrumou um companheiro. Quando esteve hospitalizada, necessitando de cuidados intensivos, o companheiro mostrou-se indiferente ao ser chamado a prestar assistência. Não se responsabilizou, nem se solidarizou com o estado de saúde da companheira, com a justificativa de que tem esposa no Haiti. A mulher, ao sair do quadro de gravidade de diabetes em que estava, retornou ao Haiti. Em outro caso, um relacionamento constituído por um casal de haitianos se desfaz quando a mulher, que já tem filho no Haiti, engravida. O companheiro propôs que abortasse, mas, como ela não quis, abandonou-a enquanto estava grávida e foi morar em outro estado do Brasil. A criança nasceu.

O terceiro caso é de um haitiano que se nega a romper o casamento com a mulher que ficou no Haiti para casar com a haitiana que namora no Brasil. Apesar da pressão da companheira haitiana no Brasil para que desfça o casamento no Haiti, ele permanece irredutível. Quer dizer, os elos de casamento, apesar da distância são muito fortes, isto é, na maior parte das vezes, mantêm-se durante anos, o que se confirmou com o relato da vinda de uma mulher haitiana para se juntar ao marido no Brasil, após quatro anos de separação do casal, por causa do projeto migratório.

4. Situações das mulheres e de seus filhos

Uma análise do perfil das mulheres haitianas que migram evidencia que elas se encontram em posições diferentes dentro

da família transnacional. Em qualquer um dos papéis que desempenham na estrutura familiar, no lugar de filhas, irmãs, esposas ou avós, o projeto migratório representa interesses familiares, envolve tanto os membros da família que ficam quanto os que partem (MACHADO, 2014). O objetivo delas é obter renda para contribuir com a manutenção da família transnacional. Dando sequência às ideias de Marinucci (2007), as mulheres migrantes vivenciam uma situação de vulnerabilidade e de dependência, decorrente da necessidade de remessa de recursos financeiros, em muitos casos, para pagar as dívidas das viagens. Contudo, conforme percepção desse autor e nós corroboramos na pesquisa, a migração feminina envolve ambivalências nas protagonistas: ao mesmo tempo em que pode servir como forma de empoderamento, denota violação dos direitos fundamentais das mulheres envolvidas. Assim, em determinadas circunstâncias, a mulher pode ser vitimizada e, em outras, ser um sujeito ativo de transformação pessoal e social.

Buscamos não essencializar a categoria social “mulher imigrante haitiana”, em vista de que as situações em que elas se inserem socialmente no Brasil são diversas. Falamos em mulheres no plural e identificamos quatro situações diferentes como imigrantes: 1) Migram junto com os maridos, o casal faz junto o trajeto Haiti-Vale do Taquari; 2) Migram depois de um período de separação dos maridos, os quais, uma vez estabelecidos no Brasil, poupam dinheiro para financiar a viagem das companheiras⁹; 3) Migram sozinhas e deixam

9. A despesa é muito grande. Entre passagens, passaporte e visto há um custo em torno de 4.000 dólares. Chegam com visto concedido pela embaixada brasileira no Haiti de reunificação familiar. Segundo dados do MRE - Ministério das Relações Exteriores, 16,1% dos vistos femininos correspondem a essa categoria.

o marido no Haiti ou na República Dominicana; 4) São solteiras ou divorciadas que chegam sozinhas. Algumas, com o tempo, estabelecem uniões conjugais formais, através do casamento, com migrantes haitianos que conhecem no Brasil¹⁰.

Em todas as situações analisadas, as mulheres imigrantes têm filhos: alguns são filhos do companheiro ou do marido atual, outros não. A maior parte delas deixa um ou mais filhos no Haiti aos cuidados de familiares próximos por falta de condições financeiras para trazê-los. Mesmo que o projeto migratório vise melhorar a vida das crianças, ao brindar-lhes recursos para suprir as necessidades básicas e ter acesso à educação, acontece o que Machado (2014) aponta: sobre as crianças recai grande carga emocional, pois implica estar por longos períodos longe dos pais, principalmente, da mãe. Outros estudos também evidenciam que deixar os filhos aos cuidados de familiares provoca marcas psicológicas em mães e crianças, situação que gera os “órfãos das migrações” (RAMOS, 2014).

Os sentimentos das crianças órfãs da migração haitiana no Vale de Taquari são retratados nas fotografias que as migrantes carregam dos filhos que deixaram no Haiti e querem aqui¹¹. As mulheres, distantes dos filhos e enfrentando dificuldades, ficam emocionalmente abatidas. Vivenciam uma espécie de trauma. Abrir mão da família para buscar trabalho tem um peso emocional forte. Desprender-se de um filho é um fato vivenciado com tristeza pelas mães biológicas. A respeito do assunto, Braum et. al. (2014) revelam que as mulheres e seus filhos são as principais vítimas e os sofre-

dores das condições sociais e econômicas impostas pela extrema pobreza no Haiti.

O objetivo das mulheres que deixam filhos no Haiti é conseguir emprego que lhes permita, num primeiro momento, enviar dinheiro para sustentar os filhos no Haiti, ajudar os membros da família que ficaram responsáveis pelo cuidado dos filhos e se sustentar no Brasil. Em geral, como foi apontado anteriormente, é a mãe, uma irmã, a sogra ou uma cunhada, quem cuida dos filhos da mulher imigrante, às vezes, mas não com frequência, e temporariamente, é o marido. Quando a mulher migra sozinha, o cônjuge projeta sair também juntando dinheiro para ir ao encontro da mulher. Em longo prazo, elas (e eles) visam juntar dinheiro para poder trazer os filhos para o Brasil e melhorar suas condições de vida.

Na condição de imigrantes, com ou sem filhos no Haiti, sozinhas ou acompanhadas por seus maridos ou companheiros, a gravidez no Brasil representa um recurso para obter o RNE (Registro Nacional de Estrangeiro). Conforme a legislação brasileira, o nascimento dos filhos em solo brasileiro dá o direito aos pais de obterem o Registro Nacional de Estrangeiro. Documento necessário para morar e trabalhar indefinidamente no Brasil.

As empresas empregadoras, ao se depararem com as frequentes gravidezes das mulheres haitianas, evitam contratá-las. O líder dos haitianos num dos municípios comenta que a maior empresa empregadora não quer mais contratar mulheres porque elas começam a trabalhar e engravidam. Essa informação é confirmada pelo chefe de pessoal, quando dele se ouve que se contratassem

10. Não identificamos nenhum caso de casamento de haitiana com brasileiro.

11. É o que expressam as fotografias que apresentamos no vídeo, “ Os órfãos da migração haitiana”, link: <https://youtu.be/lcla1a8-avM>

grávidas para o mesmo setor, chegaria um momento em que o setor pararia. Essa situação faz com que muitas mulheres estejam procurando emprego atualmente. As empresas contratam principalmente homens; as mulheres encontram mais dificuldade. O referido líder dos haitianos considera a gravidez uma “faca de dois gumes”. Por um lado, facilita conseguir o Registro Nacional de Estrangeiro, mas, por outro, obstaculiza o acesso ao mercado de trabalho. A atual conjuntura está contribuindo bastante para a falta de emprego.

5. Sentimentos e emoções

No processo migratório, as frustrações são enormes, porque o dinheiro que ganham é insuficiente para se sustentarem no local de acolhida no Brasil e ainda enviarem uma parte para o Haiti. As mulheres sentem uma dor imensa por não poderem contribuir como gostariam com as despesas de seus familiares no Haiti. Este problema se agrava ano a ano, pois, desde o início desse fluxo migratório (em 2012) até agora (2015), dobrou o preço do dólar no Brasil¹². Maior ainda é a frustração daquelas que não conseguem emprego. Como assinalamos antes, o envio de recursos financeiros é uma forma de manter o vínculo com a família transnacional. O fato de ser diáspora implica, principalmente do ponto de vista dos que ficam e das expectativas dos que migram, ter dinheiro, ser uma pessoa bem-sucedida economicamente (HANDERSON, 2015).

A diferença de outras pesquisas sobre imigração – portuguesa e outras, que tiveram seu auge nas primeiras décadas do século XX –, neste processo migratório ana-

lisado aqui, que teve início há dois ou três anos, a travessia ainda dói. Os sentimentos e as emoções estão contidos em vozes sufocadas pelos problemas que enfrentam. Seguindo Sayad (2002), quando se vive em outra sociedade, sofre-se mais ou menos profundamente, conforme as modalidades de contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, de maneira consciente ou inconsciente. No caso das mulheres haitianas, elas carregam uma mágoa intensa, que manifestam no bloqueio em relação à aprendizagem da língua. Não falar a outra língua é uma maneira de manter a cultura e os vínculos com a cultura de origem (DEMARTINI, 2004).

As haitianas expressam grande dificuldade em se comunicar com a sociedade de acolhimento; elas enfrentam resistência em vencer a barreira da língua, situação que interfere na integração das mulheres à sociedade de acolhimento. Este cenário lembra as ideias de Seyferth e Martins, colocadas por Demartini (2004), quando assinalam as duas caras do poder expressas no uso ou desuso de uma língua, no contexto migratório. Por um lado, o poder da sociedade de adoção subjacente na imposição da língua aos estrangeiros; por outro, o poder dos imigrantes de não falar a língua do país de assentamento como estratégia de resistência às imposições da sociedade do local, “os nativos”.

Não conseguir se expressar na língua do país de acolhimento impede a emancipação das mulheres e as mantém em estado de dependência e de subordinação masculina (SOARES, 2005). Percebemos que, mesmo depois de atravessar diversas barreiras nas fronteiras entre os países, barreiras

12. Dados consultados em: <<http://financeone.com.br/moedas/cotacoes-do-dolar>>. Acesso em: 09 set.2015

de comunicação e outras inerentes a esse processo migratório, ao se instalarem na localidade de assentamento, as haitianas estabelecem relações de dependência dos homens haitianos. Quando não têm marido ou parceiro, ao se comunicarem com a sociedade de acolhimento, elas procuram a proteção de um haitiano próximo (parente ou amigo). Eles transmitem para a sociedade de acolhida o que elas querem comunicar. São os tradutores de suas necessidades na vida cotidiana. Eles as acompanham para ir ao médico e aos demais serviços públicos. São poucas as que se comunicam com facilidade em português. Postulamos que, mais do que dificuldade em aprender o português, é falta de vontade, pois nos municípios da região oferecem-se aulas gratuitas de português para imigrantes. Em programas de capacitação de que participamos, observamos a presença mínima de mulheres haitianas, apesar de serem convidadas e estimuladas a fazê-lo.

Os homens, na função de mediadores da comunicação entre as mulheres e a sociedade de acolhimento, não transmitem a carga emocional feminina da experiência migratória. Dificilmente eles compartilham a revolta das mulheres em relação ao processo migratório. Revolta que, às vezes, em situações limite, as mulheres extravasam com veemência.

Quando se frustram, não conseguem o que querem, como a aceitação de um atestado médico na empresa, elas choram, elas gritam, fazem escândalo. Elas são pacatas, mas quando são rebeldes, são terríveis; se não entendem, elas ficam agressivas. Mulher que vem é mais aguerrida. Já tive que acalmar uma que discutia com a enfermeira. Momentos dramáticos que vêm de uma carga interior: meus filhos estão lá, eu estou aqui, ninguém gosta de mim,

É a interpretação acerca do comportamento das mulheres elaborada pelo chefe de pessoal de uma indústria de alimentos, uma das maiores empregadoras de imigrantes haitianos.

Outra situação de revolta que ilustra este caráter aguerrido das haitianas aconteceu em uma cooperativa de alimentos onde trabalham em torno de 400 haitianos. Foi o caso de uma gestante que se negou a empurrar o carrinho na função que desempenhava porque batia contra sua barriga. Ela decidiu por conta própria abandonar a tarefa atribuída e assumir outra sem se importar em contrariar as regras de trabalho da empresa. O chefe responde à atitude rebelde com uma suspensão por alguns dias, mas ela a ignora. Um dia depois do fato, ela retorna ao trabalho para desenvolver a tarefa que ela escolheu em substituição à sua função inicial, desafiando a autoridade do chefe.

Quanto às relações entre haitianas, tivemos conhecimento de alguns conflitos, disputas por homens, agressões físicas e verbais. Porém, geralmente, elas conversam bastante, são unidas, brincam e choram, disse a chefe de pessoal de uma cooperativa de alimentos onde alguns haitianos e haitianas trabalham. Em comunidade, elas encontram forças reproduzindo laços tradicionais ligados à família, à religião e às práticas culturais exclusivamente femininas, como a elaboração de penteados. Reúnem-se nas casas para fazer os penteados característicos da cultura haitiana. A atividade geralmente acontece em duplas: uma faz o penteado da outra.

6. Religiosidade

As mulheres imigrantes se encontram nas igrejas pentecostais, que se constituem em espaço de acolhimento. Nessas igrejas,

as haitianas e os haitianos celebram seus rituais religiosos na língua nativa. A religião, um dos pilares do cotidiano no país de origem, adquire nova significação no contexto da instalação no estrangeiro, onde a inserção social é difícil e o desafio da adaptação não é livre de consequências psicológicas sobre os indivíduos. Considerando a extensão e a reprodução de redes de troca e de solidariedade, as igrejas ocupam uma função notável no sentido de manter a ligação simbólica com o Haiti (AUDEBERT, 2012) e os haitianos.

Em alguns municípios do Vale de Taquari contemplados na pesquisa, a conquista desse espaço religioso começou há três anos; em outros, há dois anos. Segundo os relatos acerca do início dessas igrejas, destacam-se personagens femininos. Num caso, três mulheres haitianas foram acolhidas na igreja por solicitação do irmão de duas delas, porque não tinham onde dormir. Elas passaram pela clínica de assistência a dependentes químicos da Igreja Cruzada Pentecostal Brasileira e bateram à porta. A pastora permitiu que elas passassem a noite na clínica e acabaram ficando sete meses. Aí nasceu o vínculo dos haitianos de um município de 70.000 habitantes com a pastora da referida igreja, a qual, ao ter conhecimento desse grupo de correligionários estrangeiros, cedeu-lhes um espaço para fazerem o culto religioso na língua materna.

Em outro município vizinho, de 21.000 habitantes, a conquista do espaço religioso começou com o grupo de oração formado por seis mulheres haitianas, que iam de casa em casa para orar, pois não tinham outro local para se reunirem. Após seis meses de atividade, ganharam visibilidade e foram convidadas pelo pastor da Igreja Assembleia de Deus a utilizarem a Igreja como espaço de oração na língua materna. Desde

então, em torno de 80 haitianos se reúnem na Igreja aos domingos e realizam o culto do jeito deles, disse o pastor. Os cultos são liderados por um haitiano. E, aos sábados à tarde, 11 haitianas e 11 haitianos comparecem à Igreja para o ensaio do coral.

Os encontros nas igrejas são expressão da vida coletiva destes imigrantes. Nessas ocasiões, corpos e consciências se aproximam em torno do sentimento do sagrado. A religião promove ritos e crenças que reforçam o espírito de solidariedade entre compatriotas e correligionários. Práticas reforçadas pelo canto em uníssono, presente em todos os acontecimentos religiosos, através do qual ecoa a dor e a alegria de serem imigrantes.

Considerações Finais

Finalizamos este artigo, após quatro anos acompanhando o processo migratório de haitianos para o Vale de Taquari no Rio Grande do Sul, ora como pesquisadoras, ora como amigas e interlocutoras, ora como professoras de língua portuguesa. Em todos os contextos percebemos que as condições em que se desenvolve este processo migratório muda constantemente. Os imigrantes hoje, na região estudada, encontram, infelizmente, maiores dificuldades para desenvolver seus projetos de vida do que nos dois primeiros anos, quando as empresas não só demandavam sua presença para suprir a carência de mão de obra, mas também lhes prestavam assistência no atendimento das necessidades domésticas durante o período de instalação nas cidades.

Em decorrência da crise econômica e política que assola o Brasil, os haitianos estão sendo desligados das empresas que antes os contrataram. Muitos encontram-se desempregados, vivem do apoio e solidariedade

de haitianos e membros da sociedade local que se sensibilizaram com o problema e os ajudam a suprir as necessidades básicas, alimentação e abrigo. Contudo, o cenário no universo feminino é mais adverso. As consequências da crise econômica atingem as mulheres de forma mais intensa, sofrem maior exclusão do que os homens do mercado de trabalho, onde algumas foram desligadas e outras nem conseguiram entrar. Apesar de que no setor operacional das empresas homens e mulheres desempenham as mesmas funções, os empresários dão preferência à contratação de homens; na inserção das mulheres correm o risco de terem que bancar com a licença de maternidade.

Outro motivo de frustração neste projeto migratório é a desvalorização do real ocasionada pela crise econômica brasileira. As mulheres vinculadas ao mercado de trabalho recebem um salário insuficiente para cobrir as despesas de moradia no Brasil, comprar a moeda americana e enviá-la aos familiares que ficaram no Haiti. Estes familiares quase sempre são os filhos que deixaram no Haiti e as mulheres que tomam conta deles, geralmente as avós. Estas limitações financeiras impedem que uma das questões mais valiosas nesse processo migratório se realize: a manifestação de amor e lealdade com os que ficaram no Haiti expresso no envio de remessas. Presenciamos em viagem realizada ao Haiti, em setembro de 2016, a decepção dos membros das famílias quando fomos visitá-los e perceberam que seus familiares, haitianas no Vale de Taquari, não tinham enviado presentes nem dinheiro para eles.

Os problemas existências que enfrentam as mulheres haitianas no processo migratório, identificados neste estudo de caso, fazem com que elas recorram às igrejas como espaços terapêuticos. A vivência religiosa

lhes permite suportar afecções psicológicas, como a depressão. Ao mesmo tempo, as igrejas são espaços de redes de troca e de solidariedade necessários em condições de vida adversa.

Referências

- AUDEBERT, C. *Territoires migratoires et réseaux transnationaux* em La Diaspora Haïtienne. Rennes: Presses Universitaires, 2012.
- BASCH L.; SCHILLER N.; BLANC C.Z. *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Copyright: Gordon and Breach Science Publishers, 1994.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRAUM, P; DALMASO, F; NEIBURG, F. Gender issues : relations between men and women in the low-income districts of Port-au-Prince. *Viva Rio NuCEC/ UFRJ*, junho 2014. Disponível em: <http://vivario.org.br/wp_content/themes/vivario/biblioteca/pesquisa/estudosepesquisas/2014/gender_issues_2014_en.pdf>. Acesso em: 5 maio 2016.
- BDR - Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Setembro de 2011. Disponível em: <http://www.univates.br/media/bdr/Perfil_VT_Setembro_2011.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2016.
- DEMARTINI, Z. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. *Pro-Posições*. v. 15, n. 3 (45), p. 215-228, 2004.
- DUARTE, L.F. Aonde caminha a moralidade? *Caderno Pagu*, n. 41 Campinas (Brasil) jul./dez., p. 19-27, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332013000200003>. Acesso em: 22 set. 2015.
- ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FERNANDES, D.; CASTRO, M. Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral. *Relatório do Projeto*. Belo Horizonte, Centro Zanni, 2014. Disponível em: <https://www.google>.

- com.br/#q=Estudos+sobre+a+Migra%C3%A7%C3%A3o+Haitiana+ao+Brasil+eDi%C3%A1logo+-Bilateral. Acesso em: 11 ago. 2015.
- HANDERSON, J. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. *Revista Horizontes Antropológicos*, vol.21, nº 43, p. 51-78, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003>>. Acesso em: 23 set. 2015.
- JACKSON, R. Foreword: locality, globality and popularization of a diasporic consciousness learning from the haitian case by Nina Glick Schiller. In: JACKSON, R. et. al. (Orgs.). *Geographies of the haitian diaspora*. New York: Routledge, 2011.
- MARINUCCI, R. *Feminização das migrações?* Disponível em: <http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf> Acesso em: 2 jun. 2016.
- MARTINS, J. O processo de imigração em São Paulo. Palestra proferida no Museu da Imigração em 22 de abril de 1999. Transcrição realizada por Herbert Rodrigues. Mimeo.
- MEJÍA, M. R. G.; SIMON, R. *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*. Lajeado-RS: Univates, 2015.
- MIRANDA, A. Editorial. *Revue européenne des migrations internationales*, v. 31, n. 1, p. 7-14, 2015.
- OLIVEIRA, R. C. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.
- RAMOS, N. Gênero, identidade e maternidade na diáspora. In: SIMA, M.R.N. (Org.). *A vez e a voz da mulher: relações e migrações*. VI CONGRESSO INTERNACIONAL, Anais: Ponta Delgada-PT, 2014.
- RODRIGUES, F.S.; VASCONCELOS, I.S. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia. In: SILVA, S.A. (Org.) *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec; Manaus, Papeam, 2012, p. 221-257.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia-Revista do Imigrante*. São Paulo, v. 13, n. especial, p. 51-78, 2000.
- SEYFERTH, G. *Imigração no Brasil: os preceitos de exclusão*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr03.htm>>. Atualizado em 10 dez. 2000 <http://www.comciencia.br contato@comciencia.br> © 2000 SBPC/Labor Brasil. Acesso em: maio 2016. Acesso em: 23 de maio, 2016.
- SCHILLER, N.C.; ÇAGAR, A. Introduction: migrants and cities. In: SCHILLER, N.C.; ÇAGAR, A. (Orgs.). *Locating Migration: rescaling cities and migrants..* Ithaca-New York-USA: Cornell University, 2011.
- SEYERTH, G. Assimilação dos imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 24. Caxambu-MG: 2000, mimeo.
- SOARES, M. A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa. In: MARUJO; BAPTISTA; BARBOSA (Orgs.). *The Voice and Choice of Portuguese Immigrant*. Universidade de Toronto. Departamento de espanhol e português. Toronto-CA: 2005, p. 11-18.
- SOUSA, S. M. N. Gênero e (des)locamentos: “O céu de Suely”. *Revista PósCiências Sociais*, v. 8, n. 16, São Luis-MA, p. 145-154, 2011. Disponível em <<http://goo.gl/jPxxhQ>> Acesso em: 06 maio 2016.

RESUMO

Uma visão retrospectiva do processo migratório de haitianos para o Brasil, que tem início após o terremoto no Haiti, em 2010, revela que a participação masculina era dominante entre os primeiros imigrantes que escolheram o Brasil como destino de migração. Mas, à medida que este processo avança, a presença feminina aumenta. Na análise do processo, percebe-se que o significado do projeto migratório muda conforme o gênero. Sob a ótica feminina, a migração é, principalmente, um projeto familiar, que envolve tanto os membros da família que ficam quanto os que partem. As mulheres aspiram arrumar emprego e ter renda suficiente para estar no Brasil e enviar dinheiro para a família no Haiti. Nesse sentido, nos propomos a tratar do protagonismo feminino na migração haitiana no Brasil, construído em diálogo com material etnográfico produzido no estudo de trajetórias de vida de mulheres haitianas que se encontram no Vale de Taquari, Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher. Migração. Haiti. Família transnacional. Gênero.

ABSTRACT

A retrospective view of the Haitians to Brazil migratory process, which starts after the earthquake in Haiti in 2010, reveals that among the first immigrants who chose Brazil as a migration destination, male participation was dominant. However, as this process progresses, the presence of women increases. In process analysis, it is clear that the meaning of the migratory project changes depending on the genre. The female perspective migration stands out as a family project, involving both family members who stay and those who leave. They aspire mainly to get a job and to have enough income to be in Brazil and send money to their families in Haiti. In this sense, this article aims at discussing about the female role in Haitian migration in Brazil, built in dialogue with ethnographic material produced in the study of Haitian women's life trajectories that are in Vale do Taquari, Rio Grande do Sul.

KEYWORDS

Woman. Migration. Haiti. Transnational family. Genre.

Recebido em: 17/06/16

Aprovado em: 27/09/16